

DIZEM,
POR AÍ

ALI CRONIN

Tradução

RITA SUSSEKIND

SEGUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © Penguin Books Ltd, 2012
Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente em inglês no Reino Unido
por Penguin Books Ltd.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Rumour Has It

CAPA E FOTO DE CAPA Paulo Cabral

REVISÃO Gabriela Morandini e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Cronin, Ali

Dizem por aí / Ali Cronin ; tradução Rita Sussekind. —
1^a ed. — São Paulo : Seguinte, 2013.

Título original: Rumour Has It.

ISBN 978-85-65765-08-4

1. Ficção — Literatura juvenil I. Título.

13-00644

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br



º º º Prólogo

“SEIS LIBRAS E CINQUENTA CENTAVOS”, disse o sujeito ranzinza que vestia uma camisa polo de poliéster e estava com problemas para estabelecer contato visual. Dei a ele a quantia exata, abri um sorriso radiante para agradecê-lo pelo serviço impecável, peguei meu balde de pipoca (salgada e doce misturadas, é claro) e fui encontrar os outros.

Donna, minha melhor amiga, e seu primo Marv estavam esperando perto da escada que levava às salas e conversavam com três meninos que eu nunca tinha visto antes.

“Suprimentos”, falei, colocando as coisas no chão sem nenhuma cerimônia. “Desculpem: só trouxe três canudos.” Olhei para as caras novas. Uma delas, de um garoto bem alto com cabelos escuros e ondulados, que vestia uns jeans justos e um blazer preto, falou:

“Compartilhamento de canudos. Acolhedor.”

Nem sombra de um sorriso, da minha parte. Deixa pra lá,

eu sei meus limites. Não adianta perder tempo. Mas é uma pena. Ele era bonitinho.

“Ah, desculpe, Ashley”, disse Marv, apontando para cada um deles.“Aiden, Jamie, Dylan.” Imaginei que fossem da mesma escola do Marv, o que significava que não eram da mesma que a nossa. Donna e eu estudamos no colégio Woodside High; Marv estuda em Corlyns, do outro lado de Brighton.

Todos acenaram com a cabeça, menos Dylan, o do comentário sobre os canudos, que nem se mexeu.

Eu disse oi e fomos todos para a sala dois curtir algumas horas de fantasmas, sangue e cenas de sexo explícito.

Agradeço ao Menino Jesus pela identidade falsa, mesmo que provavelmente a Bíblia não concorde com isso.

“Eu achei ridículo”, disse Marv quando saímos do cinema.

“Está brincando! Fiquei petrificada”, falei, abraçando a mim mesma para me manter aquecida, porque tinha alguma coisa errada com o aquecimento do cinema e estava um gelo do lado de fora da sala. Ainda bem que tinha levado casaco. Eu havia sido muito bem-criada.

“Meu Deus, aquela parte do olho no espelho”, disse Donna, agarrando o próprio pescoço.

“Tudo bem, mas, por favor, não foi nada que não tivéssemos visto antes”, disse Aiden. Ou Jamie. Eu não me lembrava quem era quem.

“Eu gostei”, disse Dylan, puxando um cachecol fino do bolso e enrolando-o no pescoço. “Filme de terror sempre vai

ser à base de clichês.” O cachecol tinha caveiras e ossinhos estampados.

Dei de ombros.

“Eu poderia ver um olho pra fora da cara um milhão de vezes. Continuaria fazendo um pouco de xixi nas calças em todas elas.”

Marv riu.

“Então não veja os filmes da série *Jogos mortais*.”

“Ah, eu vi.” Fiz uma cara bem séria. “Calça plástica pra incontinência.”

Err... foi isso mesmo que...? Sim, acho que até Dylan sorriu.

Donna inclinou a cabeça.

“Ah, Ashley. Uma dama.”

Dei um sorriso e me abaixei para fazer uma pequena reverência, o que não é nada fácil quando você está usando botas de tachinhas e os jeans mais apertados da história. Pelo menos não tinha chance de aparecer partes que não deveriam, pois o modelo da calça era mais recatado. Bom, não que eu me importasse com isso.

Andamos devagar durante um tempinho, primeiro comparando partes nojentas de filmes de terror, depois discutindo por que todo mundo conhecia a atriz que interpretou a primeira vítima (resposta: ela fez o seriado *Neighbours*) e por último compartilhando um sentimento de choque quando reparamos que muitas lojas já estavam com decoração de Natal. O que nos lembrou de que...

“Na verdade, nosso amigo Ollie já organizou uma festa de Natal”, disse Donna. Ela se virou para Marv.

“O que fez a festa da fogueira?”

Ele assentiu.

“Sei. Aquela foi divertida.”

“Vão também, se quiserem”, falei. “Quanto mais gente, melhor.” Olhei na direção de Dylan. Não foi minha culpa. Meus olhos me obrigaram a fazer isso. Ele não estava vomitando de nojo, mas também não parecia exatamente empolgado com a ideia. Marv interrogou Jamie, Aiden e Dylan com os olhos, e eles devem ter trocado mensagens de testosterona telepática, pois Marv respondeu:

“Sim, por que não?”

E assim tudo começou, mas não da forma como você deve estar imaginando. ★Segura o queixo misteriosamente★



EU QUASE NUNCA IA À SALA COMUNAL do décimo terceiro ano. Era cheia demais e tinha um cheiro estranho de pé e de sanduíches enrolados em filme de PVC. Mas lá dava para preparar uma xícara de chá, então era o lugar para onde eu ia quando estava sem dinheiro. E naquele momento eu *estava* sem dinheiro, desde que minha mãe tinha parado de me pagar pelo meu trabalho na boutique de noivas dela. Precisávamos economizar, blá, blá, blá... E eu nem tinha um consolo, mais tempo livre ou alguma coisa do tipo, porque eu continuava trabalhando. E simplesmente não recebia por isso. Eu estava sendo tola? Muito provavelmente.

“Então. Quanto a Dylan...”, disse Donna. Observei enquanto ela revirava os olhos e mantinha a boca aberta numa tentativa de pôr as lentes de contato.

“Aaaahhh, então foi por isso que você quase pisou num cachorro no caminho para o colégio...”, falei.

Donna piscou e esfregou os cantos dos olhos.

“É, bom... Dormi demais. E não vou sair de óculos, vou?”

Ela me olhou incrédula.

“Certo.”

“Ops, a chaleira está fervendo.”

Fui até a bancada suja e peguei duas xícaras no armário. Estavam lascadas e manchadas, o que, nesse lugar, era o mesmo que dizer que estavam praticamente brilhando de tanta limpeza. Coloquei um sachê de chá em cada uma, depois leite (que estava quase vencendo, mas, novamente, poderia ter sido pior), mexi bem rápido, joguei os sachês no lixo e logo estava de volta à minha cadeira, pronta para analisar Dylan. Não que houvesse muito para analisar.

“É. Bonito”, falei, lembrando as pernas compridas e os cabelos exuberantes. “Se ao menos ele tivesse parado de tagarelar. Não consegui falar uma palavra.”

Donna riu.

“Eu sei. Ele era estranho, não era? Marv acha que só é tímido.”

Então Donna andava falando sobre Dylan com o primo. Será que ela gostava dele? De repente aqueles olhos verdes apareceram na minha mente, mas rapidamente os afastei.

“Mas você gostou dele, certo?” Convencida daquilo, Don tomou um gole de chá. Ela me conhece bem demais.

Eu dei de ombros. “Não é para o meu bico. Seria o mesmo que gostar de Robert Pattinson...” Fiz uma pausa. “Hum, e você? Gostou dele?” Normalmente não nos interessávamos pelos mesmos tipos, mas nunca se sabe.

Ela franziu o nariz. “Não. Você conhece meus princípios em relação a casacos de cardigã.”

“Ele não estava de cardigã!”, protestei, apesar de eu, pessoalmente, gostar de meninos de cardigãs, desses tipos mais desleixados. Pela minha experiência, é uma peça de roupa que bagunça os estereótipos quando é vestida por um menino. Só para deixar claro: meninos que usam cardigãs são bons de cama.

Don respirou fundo. “Estava sim. Por baixo do blazer.” Ela balançou a cabeça. “Não faz meu tipo... Mas *definitivamente* faz o seu...”, entoou, e eu sorri.

“Eu já disse: não é para o meu bico.” Era devastador, na verdade. Depois do cinema, fiquei pensando nele durante todo o fim de semana. Enquanto via televisão, estava no banheiro ou tentando dormir, lá estava ele, apoiado com um ar desinteressado na parede da minha mente, com as pernas cruzadas, os jeans justos. Bem, não era sempre *assim* que ele aparecia. Em vários momentos ele estava nu.

Mas não importa.

“Não seja covarde”, disse Donna. “Você pode ficar com quem quiser. Ficou com a maioria dos meninos desse colégio, por exemplo.” Ela deu um sorriso bonitinho. Vaca.

“Não enche”, respondi empolgada. “E, além disso, há um mundo de diferença entre eles e... ele. Ele é lindo.”

Don colocou a mão no meu joelho e inclinou a cabeça, toda séria.

“Assim como você, Ashley. Assim como você.”

Afastei a mão dela. Muito engraçada.

“Sasha é que é a linda”, falei, e esvaziei minha xícara exactamente quando o sinal da próxima aula tocou.

“Humpf.”

Donna poderia revirar os olhos o quanto quisesse, mas os fatos falavam por si sós. Minha irmã mais velha era perfeita e linda e eu era razoável; ela era boa, e eu aprontava; ela era gentil, e eu má. Infelizmente, *c'est la vie*.

“De qualquer forma, Marv acha que vão todos na festa de Ollie”, Donna continuou a falar quando paramos na porta antes de ela virar para a esquerda, para a aula de dramaturgia, e eu para a direita, para a de comunicação. “Nunca se sabe...”

Certo. Nunca se sabe... Mas normalmente se sabe. Tirei Dylan da cabeça e passei as horas seguintes concentrada na aula.

A tarefa era produzir documentários curtos. Eu estava amando. Tipo, amando muito. E, sem querer soar como uma idiota completa, eu estava achando que talvez aquilo pudesse mudar a minha vida. Ao contrário da maioria, eu ainda não tinha começado a me inscrever nas faculdades. Donna queria ser atriz; Cass ia tentar direito em Cambridge e em algumas outras; Sarah queria estudar história da arte; Ollie gostava de música; Jack iria estudar esportes... o que deixava Rich e eu sobrando. Acho que Rich não tinha a menor ideia do que queria fazer da vida, e, até pouco tempo antes, eu também

não tinha. Então resolvi que não ia para a faculdade. Pelo menos não por enquanto. Me parecia um pouco ridículo gastar tanto dinheiro com algo que eu não me importava só para ter um diploma. Mamãe e Sasha ficaram chocadas, *bien Sûr*, mas a vida é minha. E, de qualquer forma, parecia que estava valendo a pena: eu tinha achado algo de que poderia gostar de verdade. Fiz uma pesquisa e decidi me inscrever em Southampton, Bournemouth, Falmouth e East Anglia no curso de cinema. Até o momento ninguém sabia, e por muito tempo ficariam sem saber, ou jamais saberiam, a não ser que eu fosse aceita em alguma dessas. O fato é que eu precisava desse documentário para completar as inscrições.

Decidi fazer um filme sobre pessoas que chegaram muito perto da morte. Esse era um tema que afetava o meu coração, que, graças a Deus, continuava batendo, mesmo depois do dia em que quase me afoguei no mar de Devon nas últimas férias (é uma longa história). Achei que falar sobre isso no meu trabalho fosse me ajudar a parar de ter pesadelos. Estava mais ou menos funcionando. E, claro, Dylan tinha invadido meus sonhos nas últimas noites, o que estava produzindo um efeito *très* agradável e ajudando muito a acabar com os pesadelos.

Em jornais locais e revistas horrorosas, eu já tinha encontrado algumas histórias verdadeiras, escondidas entre tolices como “coloquei botox nas axilas” e “meu marido tem fetiche por queijo”. Uma ou duas eram excelentes, e lê-las me fez perceber o quanto tola era a minha. Eu tinha parado de respirar e depois voltado. E fim de papo. O período entre a hora em que entrei no mar e a hora em que acordei no hospital era um

branco na minha cabeça. Era como se menos de um segundo tivesse se passado entre os dois eventos. Mas as pessoas das matérias viram luzes, se enxergaram de cima, perderam todo o medo da morte etc. Quem dera eu tivesse vivido tudo isso.

Eu estava superconcentrada lendo no site de um jornal sobre a história de uma senhora que teve a casa bombardeada quando ela era criança, durante a Segunda Guerra Mundial, quando alguém empurrou minha mesa.

“Ei!”, falei, pronta para brigar, quando vi que tinha sido Sam. Ele não gostava de mim, apesar de já ter gostado antigamente. Uma vez ficamos em uma festa. Mas, sinceramente, eu jamais teria feito isso se por um segundo que fosse eu tivesse achado que ele *realmente* gostava de mim. E o único motivo pelo qual eu ri quando ele me contou foi porque achei que ele estivesse brincando. De qualquer forma, já fazia dois anos que isso tudo tinha acontecido e ele continuava não conseguindo olhar para mim sem fazer careta. Tentei um sorriso amigável, mas ele me ignorou e foi para o lugar dele, com um livro sobre dragões e calabouços embaixo do braço. Hummm, que sexy.

Dylan, por outro lado...

Dane-se. Eu não tinha nada a perder além da minha dignidade, que na verdade já tinha se perdido havia muito tempo. Depois de olhar em volta rapidamente para me certificar de que Matt, nosso professor, não estava por ali, entrei no Facebook. Era uma questão de tempo até que a escola bloqueasse o acesso, mas por enquanto éramos livres para saciar nossos corações com as redes sociais. É claro que entrar no Facebook

durante a aula era proibidíssimo. Eu poderia perder o direito de usar a internet. Então fui rápida, muito rápida, e encontrei Dylan na lista de amigos de Marv e enviei uma solicitação de amizade. Se ele já tivesse aceitado quando eu chegasse em casa, mandaria uma mensagem para ele.

Mas primeiro o resto do dia tinha que passar. Tive tempo de mandar um e-mail para o editor do jornal e pedir a ele para encaminhar uma mensagem para a senhora da casa devastada, perguntando se ela me permitiria entrevistá-la para saber mais de sua experiência. Depois fui para a cantina almoçar, como sempre, e lá encontrei, como sempre, Donna, Ollie, Jack. Eles e nossos outros amigos Sarah, Cass e Rich estavam sentados na quarta mesa da esquerda para a direita, quase no meio do recinto. Não sei por quê, nem como, nem quando escolhemos aquela mesa especificamente, mas nas raras ocasiões em que havia alguém sentado no nosso lugar, a sensação era a de entrar no próprio quarto e ver um estranho na sua cama. E não no bom sentido.

“Continua trazendo de casa?”, Cass perguntou solidária, olhando meu sanduíche aprontado às pressas, sabor queijo e pepino, que agora estava molenga após ter passado a manhã na minha bolsa. Ela também não tinha comprado almoço na cantina, porque tinha parado em uma delicatessen no caminho do colégio para comprar o sanduíche de salada de frango no pão árabe, sem maionese, que custava quatro libras. Ela sempre diz que é porque não gosta do pão horrível dos sanduíches da escola, e tem razão. Mas quatro libras?

Assenti e dei uma mordida no pão mole com o queijo

suado. Pelo menos estava comestível. E Cass não precisava ter pena de mim, mamãe ainda tinha a loja e a casa. Ainda não estávamos precisando de caridade.

“Soube que você teve um bom fim de semana”, disse Sarah, me olhando assanhada por trás da caixinha de suco. “Dylan, é isso...?”

Lancei olhares afiados para Donna, que deu de ombros sem nenhuma culpa.

“O que foi? Não sabia que era segredo.”

O *que* era segredo? Meu Deus, é só a pessoa admitir que gosta de um menino para que de repente toda a situação vire um suspense do tipo Agatha Christie.

“Não há o que contar”, falei para Sarah. “Ele não é para mim.”

Ela balançou a cabeça.

“Ash, não tenho a menor dúvida de que você pode ficar com quem quiser... Nunca vi um menino que não fosse a fim de você.”

“Não enche!”, disparei.

“É verdade”, Ollie disse, sério. “Eu transaria com você aqui e agora se isso fosse socialmente aceitável.”

“Você transaria com *qualquer pessoa* aqui e agora se isso fosse socialmente aceitável”, respondi. “Sem querer ofender.”

“Justo”, ele concordou.

“Mas sério, Ash”, disse Rich, que estava ocupado examinando o queixo com o espelho de maquiagem de Donna. “Você gosta mesmo dele?”

Joguei o sanduíche na mesa fingindo irritação.

“O que foi?”, indaguei. “Vocês nunca se interessam pela minha vida amorosa.”

“Porque em geral você já transou com as pessoas de quem fala”, declarou Jack. “Agora temos novidade.”

Engraçadinho. E não era nem um pouco verdade, só para constar. Mas tudo que respondi foi:

“Ele não gosta de mim. Fim de papo.”

Dylan, Dylan, Dylan. Se meus amigos não tivessem dado tanta importância, eu poderia ter conseguido tirá-lo da cabeça. Mas os idiotas fizeram questão de deixá-lo bem grudado na minha mente, então quando cheguei em casa naquela tarde estava praticamente arfando para chegar no computador e entrar no Facebook.

Bati a porta e corri para a sala dos fundos sem tirar o casaco, mas encontrei minha irmã Sasha sentada na frente do computador.

“O que você está fazendo aqui?”, soltei. “Por que não está trabalhando?” Eram perguntas razoáveis, afinal de contas ela não morava mais em casa. E ela não tinha um laptop/iPad/iPhone e outros dispositivos brilhantes e portáteis com acesso a internet? Não tinha a “casa executiva” que ela compartilhava com o “parceiro” (vômito) Toby em Kent, com os mini “artigos de higiene pessoal para os convidados” na “suíte dos hóspedes”, e os sofás de bom gosto e as obras de “arte” emolduradas com muito bom gosto nas paredes? A casa transborrava tecnologia pelas paredes de tijolos. Uma rede wi-fi flu-

tuava invisível a partir de três caixinhas que piscavam e que ficavam cuidadosamente presas na parede do escritório do andar de baixo, na sala e na garagem. Até na garagem, pelo amor de Deus!

“Ah, oi, Ashley”, disse Sasha, virando e sorrindo de um jeito meigo. “Tive folga hoje. Finalmente convenci mamãe a fazer as compras de supermercado pela internet, então estou fazendo um cadastro nos sites para ela.” Sasha voltou-se para a tela. “É de longe a melhor opção, tanto em termos de ética quanto de qualidade.”

Certo. Fascinante. Mate-me agora se eu resolver falar sobre supermercado quando tiver vinte e quatro anos de idade.

“Bem, você vai demorar? Preciso usar o computador.”

“Mais uns quinze minutos?”, respondeu, sem virar para mim. “Te chamo quando terminar.”

Fiz uma careta para as costas dela e fui até a cozinha pegar um lanche. Nas segundas-feiras mamãe deixava a loja aberta até mais tarde, mas mesmo assim ela não chegava antes das seis, hora em que comíamos pizza como lanche da tarde. Ritual de segunda-feira. A caminho do quarto, estiquei o pescoço pela porta da sala, onde minha irmãzinha Frankie estava assistindo tv. A maioria das meninas de doze anos estaria assistindo a algum seriado porcaria no Disney Channel ou coisa do tipo, mas ela estava sentada com as pernas cruzadas diante do DVD de ioga de mamãe.

“Tudo bem, Franks?”

Ela levantou o dedo para indicar que queria que eu esperasse, em seguida pressionou a ponta do indicador contra

o polegar, desceu as mãos pela frente do corpo, exatamente como o pássaro fazia na tv, respirou fundo e entoou um longo e lento “Ommmmm”.

Em seguida se virou e olhou para mim. A camiseta velha da escola e a saia azul xadrez poderiam parecer tudo, menos roupa de quem pratica ioga.

Ergui uma sobrancelha.

“Boa sessão?”

“Sim, ótima. A não ser pelos puns.” Ela me olhou com firmeza e eu ri.

“Mamãe diz que acontece o tempo todo na aula de ioga”, ela disse em tom de reprovação.

“Acontece mesmo, Frankie-punk”, respondi. “Teve um bom dia?”

Ela se virou para a tela novamente.

“Foi tranquilo. Senhorita Baines disse que eu tenho um talento atípico para o mimerismo.”

“Quem você estava imitando?”

Frankie cruzou as pernas novamente.

“A senhorita Baines.”

Claro. Virei para me retirar, mas então parei e falei:

“Sabe por que Sasha está aqui? Não pode ser só para ajudar mamãe com as compras pela internet.”

Frankie suspirou impacientemente.

“Não sei. Talvez tenha brigado com Toby.” Apertou play no DVD.

Interessante, apesar de eu duvidar de que fosse verdade. Toby e Sasha eram nojentos juntos, cheios de beijinhos e

“querido” e “amor”. Deixei Frankie com seus “ommmms” e subi para o meu quarto para trocar de roupa.

Ah, meu quarto. Sasha me deu quando saiu de casa e foi para a faculdade. Foi de longe o melhor presente que ela já me deu. Passei um trimestre inteiro fazendo mudanças nele. Tirei o papel de parede da Laura Ashley e pintei o quarto todo de roxo, menos os tacos de madeira no chão, que deixei como eram. Depois cobri minha cama com alguns metros de um tecido superdescalado dos anos 60 com uma estampa geométrica que encontrei em Oxfam. Comprei persianas de madeira da Ikea e coloquei no lugar das cortinas florais horrorosas da Sasha, e por fim pus um pôster gigante do Kurt Cobain na parede. Não havia nada que eu pudesse fazer em relação ao armário nojento de fórmica – não tinha dinheiro para comprar um novo –, então o coloquei perto da porta, onde pelo menos não era a primeira coisa que se via ao entrar. Quem podia imaginar que eu era tão criativa? Ficou exatamente como imaginei, e eu adorava tudo aquilo. Era o meu espaço. Até coloquei uma tranca na porta, bem no topo, de modo que não dava para saber que havia uma tranca ali, apesar de mamãe, com seu radar materno, ter notado logo de cara. Prometi que jamais trancaria a porta à noite e então ela me deixou manter. Obviamente eu *já tinha* trancado várias vezes, mas ela nunca percebeu.

Como sempre, a primeira coisa que fiz quando cheguei no meu quarto foi ligar o som, depois fechei as cortinas e acendi a luz do abajur (eu nunca uso a do teto. Prefiro que as coisas fiquem mais sombrias. Profundo, não?). Em seguida, tirei as

roupas do colégio e vesti minha legging e um casaco. Alívio. Eu tinha acabado de deitar na cama para ficar olhando para o teto quando Sasha bateu à minha porta e colocou a cabeça para dentro.

“O computador está livre, Ashy”, falou. (Só para constar, detesto ser chamada de Ashy.)

Saltei da cama e a segui pelo corredor.

“Então você já vai?”, perguntei. Ela balançou a cabeça, o rabo de cavalo loiro sacudindo.

“Comprei caçarola de frango para o jantar. Acho que a mamãe merece uma folga, sabe? Algo me diz que ela não tem muita ajuda quando não estou por aqui.”

Mostrei a língua para as costas dela.

“Sim, bem, sinto acabar com a sua festa, mas segunda-feira tem noite de pizza. E é um lanche, não jantar.”

Sasha deu de ombros.

“Lanche, jantar. Dá no mesmo. E você não vai morrer se comer comida caseira em uma segunda-feira.”

“A questão é”, argumentei nervosa, “mamãe não precisa de folga, porque uma ligação de dois minutos para pedir pizza não chega a ser um trabalho duro.”

“*Que seja*”, entoou Sasha, descendo as escadas como uma pluma, as mãos com as unhas perfeitas segurando no corrimão. Mostrei os dentes para ela enquanto ela descia para fazer a boa ação do dia, depois corri para o quarto dos fundos. Apertei uma tecla para acender o monitor, entrei rapidamente no Facebook e meu estômago se revirou na hora, porque Dylan tinha aceitado minha solicitação de amizade. Uhu! Es-

crevi uma mensagem rápida. Bem, na verdade fui “rápida”, entre aspas. Passei dez minutos agonizando, pensando nas palavras perfeitas para que parecesse que eu tinha escrito mesmo bem rápido. No fim das contas o que digitei foi:

Oi. Legal te conhecer naquela noite.
Detalhes da festa de Natal: sábado, dia 3
de dezembro no salão do campo de futebol,
na Bishops Lane – acho que os escoteiros se
reúnem lá também, caso essa tenha sido
a sua galera algum dia. “faça sempre o seu
melhor”. Ashley.

Ah, vai ter que servir. Fecho os olhos e clico em “enviar” antes que possa mudar de ideia. Uma olhada no perfil de Dylan me informou de que não havia muito o que ver. Nenhuma atualização de status ou recados no mural. Eu não gosto muito de revelar tudo sobre mim pelo Facebook. Bom saber que ele tinha princípios semelhantes. Mas cliquei nas informações sobre ele assim mesmo, só para checar, e quase ri quando vi que as músicas, os filmes e os programas de TV preferidos dele eram praticamente os mesmos que os meus. Temos que respeitar um menino heterossexual que tem a coragem de declarar para o mundo que um de seus filmes favoritos é *O mágico de Oz* (e eu sei que ele é hetero, antes que alguém pense o contrário, porque Donna perguntou para o Marv), e eu não conhecia ninguém que curtisse o programa de debates *Question Time* como eu (é tipo um programa do Jeremy Kyle, só que inteligente).

Ainda sorrindo para mim mesma, abri mais uma janela de navegação e chequei meus e-mails. A editora do jornal também tinha respondido. Olhe bem para mim, a Senhorita Popular. Ela me disse que a assistente tinha entrado em contato com a senhora, que ficaria feliz em receber a minha ligação. Resultado. Bem, não há momento melhor que o presente, *carpe diem* e tudo mais. Peguei meu telefone e liguei para ela.

“Boa tarde. Bridget Harper falando.” Ela tinha, literalmente, a voz mais elegante que eu já tinha escutado. Poderia competir de igual para igual com a rainha.

Limpei a garganta.

“Oh, oi, meu nome é Ashley. Acho que a editora do...”

Mas ela me interrompeu.

“Oh, sim, olá. Você queria fazer uma entrevista comigo sobre a guerra para um trabalho escolar?”

Uau, sem rodeios. Ela devia ter cerca de noventa anos, mas pela voz dava para acreditar que tinha uns trinta a menos.

“Sim, se não tiver problema.”

“Claro. Será uma boa mudança na tv. A programação televisiva das tardes não é exatamente animadora.”

Hilária. Marquei de passar na casa dela (“presumo que você não seja uma assassina, querida?”) depois da aula dali a dois dias e encerrei a ligação com pressa porque — *ping!* — recebi uma resposta de Dylan.

Humm. Ele estava ansioso ou era apenas eficiente? Abri a mensagem com o coração saltando.

Estarei lá! Bj. Dylan